
1º lugar

Erradicando uma Ideologia Social

O preconceito está arraigado à sociedade e à mente humana desde que o homem adquiriu a habilidade do pensamento. Irônico, não? No instante no qual o homem passa a ter o maravilhoso dom do raciocínio, ele desenvolveu tal tumor ideológico que prejudica a ascensão da humanidade em vários períodos da história: a escravidão, o nazi-fascismo, o genocídio indígena nas Américas, etc.

Em meados do século XX, Albert Einstein já questionava o desenvolvimento social contemporâneo dizendo que, ainda naquela época, seria mais fácil desintegrar um átomo do que erradicar um preconceito. Ele provavelmente esperava que mais de meio século depois a situação seria diferente, todavia a análise desse grande físico não se tornou obsoleta, infelizmente.

Certamente é muito difícil tirar o preconceito da mente das pessoas. Isso acontece porque a discriminação é algo que não se precisa ensinar, mas é “transmitido” de pessoa para pessoa, como uma doença, por mera influência social, e com a ajuda da ignorância da população (perdoem-me a expressão, mas é a triste realidade) isso passa a ser ainda mais fácil.

Para acabar com esse problema ideológico, as pessoas deveriam apenas parar para refletir. O que elas não entendem é que está nas diferenças a graça de viver e interagir com o próximo. Muitas vezes, a sociedade teme o incomum, entretanto ninguém para para pensar como o mundo seria chato e entediante se fôssemos todos iguais. Se todos aprendêssemos a conviver não apenas em estado de tolerância, mas também em respeito mútuo e harmonia, o mundo seria utopicamente calmo e as pessoas, mais felizes.

Lucas Salume Lima Nogueira – 9º ano I₂

2º lugar

Somos preconceituosos

Era uma sexta-feira à tarde, típica tarde quente de verão. Dentro do meu carro com ar-condicionado quase não percebia as altas temperaturas do lado de fora. Porém não era possível dizer o mesmo às pessoas sem ventilação. Havia dois grupos de jovens a, mais ou menos, 100m do meu veículo, um de “playboys branquelos”, pertencentes à classe média-alta, e outro dos “pivetes” ou “neguinhos”, ambos sem camisas, de chinelo de dedo e conversando uns com os outros, cada grupo em seu canto.

Percebi certa movimentação por parte do segundo grupo, que estava cochichando e apontando para um dos “playboys”, que tinha um *smartphone*. O primeiro pensamento que me veio à cabeça foi que planejavam assaltá-lo, porém o sinal abriu e segui meu caminho. Essa breve cena, de menos de um minuto, me fez refletir o quão preconceituoso é o pensamento da nossa sociedade, inclusive o meu. Não poderiam os “pivetes” estarem discutindo se preferiam seus celulares ao do menino? E se fosse o contrário, se os “playboys” tivessem tido a atitude do outro grupo, pensaria o mesmo?

Essas perguntas, se feitas a praticamente qualquer um, teriam as mesmas respostas: “O quê!? Até parece que aqueles neguinhos não queriam assaltá-lo. Muito menos os ‘playboys’ fariam ao contrário, eles não precisam disso”. Porém esse pensamento está equivocado, são feitas generalizações que, em alguns casos, podem estar certas, mas isso não as torna uma verdade absoluta.

Chegando em casa, sentei-me no sofá e liguei a televisão no noticiário. Estava passando uma reportagem sobre uma tentativa de assalto, que acabou com um ferimento de tiro na perna. Os envolvidos? As mesmas pessoas que vi quando parei no sinal, porém os assaltantes eram os “playboys”.

Pedro Henrique Müller – 9º ano I₁

3º lugar

Homofobiafobia

Citar a frase “todos somos iguais” seria muito clichê, mais a ideia é mesmo essa ao final. Não importa se sou negro ou argentino, homossexual ou um grão de areia. Eis o que somos: um grão de areia em contraste com o oceano; estamos rodeados de conchas (o que é esplêndido, ao meu ver, estar em meio a tamanha diversidade).

Alguns grãos de areia não gostam das conchas, o que não importa, porque elas nunca vão desaparecer e não há nada que eles podem fazer, afinal, vento não leva concha, vento leva areia. Meu ponto é: de ser grão não dá para escapar, de ser concha não dá para escapar. Um dia todos seremos soprados pra longe ou engolidos pelo temido oceano. Nesse meio tempo, o melhor é curtir a brisa, pegar um bronzeado e viver em paz com as conchas.

Admira-me que alguns grãos deem tanta importância às conchas quando os verdadeiros vilões estão à solta: os siris, aqueles que nos tiram do nosso lugar, roubam o nosso espaço, e nos separam de quem gostamos quando cavam seus buracos em nosso território.

Enquanto um grão de areia, não sei quem fez as conchas, mas sei que quem as fez, as fez com muito esmero.

Hipocrisia minha seria falar que sou livre de fobias: eu sou preconceitofóbica, racistofóbica.

Melhor parar de pensar nessas diferenças e nos enxergar mais como grãos de areia antes que o universo nos engula.

Jade Sanglard - 9º ano A